



# Gaiacinto

Quinzenário • 4 de Maio de 2013 • Ano LXX • N.º 1804 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo  
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

À semelhança do ambiente em que se desenrola a vida das criaturas, em três dimensões fundamentais, assim na nossa vida a Escola, a Capela e a Casa-mãe, com a cozinha e a sala de jantar, compõe o «tríptico de beleza» da Aldeia, como se lhe referia Pai Américo.

A Capela, «que está no centro e é o centro da Aldeia», partilha a centralidade da vida da comunidade com a Escola, lugar do saber que resulta do estudo e da reflexão, mais o lugar onde se refazem as forças físicas e se criam laços de fraternidade, o Refeitório.

A horas certas e ao toque da sineta, vivem-se especiais momentos de alegria para o encontro de todos em dois destes lugares, já não nos três porque a Escola deixou de funcionar dentro de portas. Os pensamentos pedagógicos e económicos de quem decide o rumo do sistema escolar, aliados a outros mais interesseiros, levaram a que em quase todas as nossas Casas em Portugal deixássemos de ter Escola própria, indo os Rapazes às escolas fora desde o início da escolaridade.

Mas nem por isso perdemos de vista a importância desta parte da estrutura do tríptico, para a formação dos nossos Rapazes. A sua proximidade física seria vantajosa para a reestruturação de vida do Rapaz, mais necessária para uns do que para outros.

Este tríptico é de facto fundamental para estruturar a nossa vida, tanto no interior de cada um como na organização da vida da comunidade. O panorama da sociedade em que vivemos, neste aspecto, mostra-nos uma realidade enferma. A vulgaridade, o individualismo e a indiferença, que seduzem com a sua aparência de bondade, em maturidade e autonomia, pautaram nos últimos anos a vida social, fazendo dissipar ou desequilibrar estas três dimensões estruturantes e factores de crescimento da vida humana: vulgaridade no ensino, que só tem beneficiado os mais capazes; individualismo para o encontro à mesa, que tem quebrado os laços familiares; indiferença pelas coisas do espírito, que tem levado ao esvaziamento da alma.

Em todos estes lugares, há necessariamente uma complementaridade de uns com os outros: mestres e discípulos; os elementos da célula familiar; os membros da comunidade crente. Com a sua falta, os mestres perdem o sentido e a motivação para o serem, os discípulos fazem-se mestres de si mesmos, os pais e os filhos perdem a coesão familiar, e o comum das pessoas fica desprovida da força espiritual que é o motor da vida pessoal e social.

É, por isso, muito importante estar atento e ter empenho em dar vida a estes lugares do crescimento humano. Fazê-lo, é regressar a Nazaré, que, como Pai Américo apontava, é caminho para o progresso social cristão. Ali não há saudade mas discernimento que dá força para prosseguir o caminho para chegar ao futuro, que é uma certeza.

Mas os meios não são por si só suficientes. Quantos reparos, desalentos e aparentes recuos põem em questão o bom êxito do trabalho realizado. É preciso insistir sempre, pacientemente, tantas vezes sem saber bem como. Confiar à maneira do sementeiro, que depois de lançar a semente à terra, vê, sem o saber explicar, o fruto da sementeira a crescer. Confiar que a alma é, como Pai Américo dizia, um terreno extraordinário, de onde há que esperar sempre as melhores surpresas. □



## Padre Américo, precursor do Vaticano II - A sua leitura dos «sinais dos tempos»

Desde Janeiro do corrente ano que temos em mente a publicação de um resumo da Palestra que D. António Marcelino proferiu no salão paroquial de S. José em Coimbra, no dia 11 desse mês, integrada na Comemoração, que vimos fazendo, dos 125 anos do Nascimento de Pai Américo.

A necessidade de abreviar, por condicionalismos de espaço no Jornal, impõe-nos publicar somente alguns aspectos que nos apraz destacar.

Ao Senhor D. António Marcelino, Bispo Emérito de Aveiro, que ficou admirador de Pai Américo desde o primeiro contacto que com ele teve, era ainda seminarista, mantendo depois a possível proximidade com a nossa Obra, a nossa gratidão por sua especial amizade.

**N**ÃO faltam temas para falar do Padre Américo, de tal modo é rica a sua pessoa com a identidade e originalidade próprias, que denunciam os muitos dons com que Deus o dotou, e que ele soube fazer render como talentos recebidos para que deles muitos outros pudessem beneficiar.

O tema que preparei mostra como o Padre Américo não precisa de esperar por um Concílio ou por acontecimentos, ordens e orientações de fora. Ele foi realmente um precursor. Quando o Evangelho é alimento diário e se respira na vida de cada dia, nele se aprende a viver o Espírito de Cristo, o seu testemunho e o seu modo de agir com todos, com predilecção para com os mais pobres. Foi assim com o Padre Américo e com o seu carisma, um precursor do Vaticano II. (...)

Vou fixar-me na capacidade do Padre Américo, vivendo já o espírito do Vaticano II, que se iria realizar sem que ele o soubesse, soube viver com os pés no chão, discernir, com mestria, os “sinais”

ou os acontecimentos que surgem em cada tempo no seu caminho, se estendem para além dele e o levam a agir com o Espírito de Jesus. (...)

1. Os “sinais dos tempos”, como sabemos, designam uma expressão que o Concílio Vaticano II trouxe ao de cima e de que hoje muito se fala. (...)

São estes “sinais no tempo” ou “sinais dos tempos” que o Vaticano II sublinhou (GS 4) como sinais de revelação e de apelo de Deus, para que, lidos e acolhidos, permitam à Igreja e aos seus membros, realizar melhor e com mais objectividade, a sua missão no mundo, em favor de todos os homens e mulheres de cada tempo e lugar.

(...) A distração do mundo, ainda que por motivos espirituais, foi atitude frequente na Igreja. Foi assim durante séculos e parece que só se acordava desta modorra e rotina, quando surgia um cristão animado do Espírito de Cristo a comprometer-se, por inteiro, em

caminhos novos de evangelização, de ardor apostólico, da resposta que o Povo de Deus e a sociedade necessitavam.

(...) Recordemos Francisco de Assis, João de Deus, Vicente de Paulo e Frederico Ozanam, Teresa de Calcutá, Américo de Aguiar, todos heróis de caridade, gritando a favor dos não amados, e dos esquecidos das comunidades cristãs e do clero, o mais alto detentor de responsabilidade.

2. De facto, a Igreja menosprezara este seu dever pelo hábito de séculos de falar de cima para baixo, de se enredar nos seus problemas e no seu prestígio, julgando o mundo e pensando nada poder aprender do que nele se passava, por se ter ligado ao poder civil, pela sua identificação com os ricos e poderosos, segundo a opinião pública! (...)

Assim, ela não percebeu o desabrochar e o surto imparável da cultura moderna. Passou-lhe ao lado a industrialização, não soube ler o fenómeno das migrações internas que a mesma provocava, perdeu a classe operária, não viu o labéu que sobre ela caía de aliada aos ricos, manteve o povo na ignorância bíblica, multiplicou inimigos dentro de si, quando neles devia ter encontrado preciosos colaboradores... Calou os profetas e, numa palavra, tornou-se cada vez mais sociedade clerical e menos Povo de Deus ou povo de irmãos.

3. É certo que sempre, ao longo do tempo, o Espírito suscitou corajosos e esforçados remadores que se esfalfaram remando contra a maré, que O acolherem e por Ele se deixaram conduzir. (...)

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## PAÇO DE SOUSA

**ANIVERSÁRIO** — No passado dia 20 de Abril, a nossa Casa realizou o seu 70.º aniversário. Neste mesmo dia, o Pai Américo tomou posse da antiga Casa Pia do Douro Litoral e da cerca do antigo Mosteiro Beneditino de Paço de Sousa, onde agora, graças ao Pai Américo, este terreno faz parte da Casa do Gaiato.

**VACARIA** — Há poucos dias na nossa vacaria, onde se encontram as vacas e o boi castanho, nasceu mais um vitelo. É já a segunda cria que a mãe teve. Vai permanecer alguns

dias junto da mãe. As mães não deixam que a gente toque nos vitelos, senão marram.

**CAMPO** — Temos andado a semear batatas com o auxílio do nosso tractorista Meno. Na máquina vão três pessoas, sentadas, pondo uma batata de semente de cada vez na roda que vai girando, e deixando a semente na terra. Uma manhã dá para fazer a sementeira de um campo.

Também temos andado a fazer a silagem das ervas de Inverno, para dar de alimento aos nossos animais.



**ENERGIA** — Na nossa Aldeia, tivemos necessidade de montar alguns postes para electricidade, pois tivemos um pequeno acidente. Ao cortar uma árvore, esta caiu sobre os cabos eléctricos, puxando-os e obrigando-nos a fazer esta reparação. Assim vai ficar tudo mais seguro.

Bruno Alexandre

**DESPORTO** — Não há duas sem três. Recebermos mais um “batalhão” de jogadores para jogarem com os nossos Rapazes. Foi no Sábado Aleluia e, talvez por isso, saímos da

rotina das derrotas, que nos vinha a perturbar um pouco. Aleluia! Aleluia! Aleluia!

Pois muito bem. O dito “batalhão” eram os 28 Juniores do Aparecida F. C. — nós, a «meia dúzia» do costume... — que tiveram a amabilidade de se deslocar ao nosso estádio, para assim se poder fazer mais um jogo/convívio.

Gente interessada em saber como é feita a nossa vida...! Tudo lhes foi explicado e a admiração deles, foi muita. Uns, nunca cá tinham vindo; outros, vieram cá aquando das visi-

tas da escola (hoje avós); e outros, já tinham vindo cá jogar.

Uma festa!

Em relação ao jogo, desta vez sim. Jogamos à moda antiga. Não fomos além de um empate, mas tudo fizemos para chegar à vitória. Por várias vezes, tivemos a bola mesmo em cima do risco de golo na baliza guardada pelo nosso adversário, mas havia sempre um pé que a retirava do nosso alcance.

Noventa minutos jogados com disciplina e respeito uns pelos outros. Os nossos Rapazes, desta vez, jogaram há moda antiga: houve garra, raça, força, postura, humildade e vontade de vencer. Só não ganhamos porque a sorte não quis nada com a gente.

O Aparecida fez 0-1; nós, por intermédio de Ronaldo, restabelecemos a igualdade 1-1; eles, que não gostaram do que viram, fizeram o 1-2 e 1-3. Estava na altura das mudanças.

Ao intervalo, saiu António Pedro e Filipe e entrou Nelson e Joaquina. Foi então que o André «Espanhol» reduziu para 2-3 e, mais tarde, Nelson, com alguma sorte à mistura, mas muito oportuno, restabeleceu a igualdade 3-3, resultado final.

Um bom jogo; jogado de parte a parte com todos os condimentos que uma partida de futebol pode e deve ter.

Alberto («Resende»)

## CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

**DOIS ANIVERSÁRIOS** — Felizes voltas da vida trouxeram-me pela mão de um convite amigo à Igreja de St. Joseph des Carmes, no Instituto Católico de Paris (ICP), em cuja cripta está sepultado Frederico Ozanam, exactamente quando se comemoram os 200 anos do seu nascimento.

Foi nesta igreja que, na véspera deste aniversário (22 de Abril), teve lugar a cerimónia de atribuição do doutoramento honoris causa a um Prémio Nobel da Economia, Amartya Sen, que, entre outras coisas, se tem distinguido pelo seus estudos sobre a pobreza e sobre o que devemos fazer para que ela seja combatida.

Por vontade da esposa, Frederico Ozanam foi sepultado na cripta desta igreja pela qual tinha um carinho especial e onde pregava ao Domingo o seu amigo, o Padre Lacordaire. Ozanam organizou com ele as “Conferências de Notre Dame” que atraíram milhares de pessoas para escutar as pregações deste padre excepcional.

Nesta curta crónica não dá para fazer justiça à vida relativamente curta em tempo (40 anos e alguns meses), mas muito rica em conteúdo de Frederico Ozanam que conseguiu juntar isto tudo: filho muito amigo dos pais e depois marido extremoso, estudante excepcional e depois professor universitário brilhante, proclamador sem medo da sua fé católica num contexto onde era preciso ter coragem para o fazer e uma dedicação aos pobres porque fé sem obras não vale nada.

Deste muito que Ozanam fez e disse, retenho aqui precisamente isto que ele praticou e que quis que todos os católicos também fizessem: fé sem obras não vale nada.

Pai Américo foi outro que tal. No dia 20 de Abril passaram 70 anos sobre a data em que ele tomou posse do espaço onde depois começou a construir a Casa do Gaiato de Paço de Sousa.

Que estes sítios e estas datas sejam sinais que Deus vai pondo no nosso caminho para nunca nos esquecermos que, tal como para Ozanam e para o Pai Américo, fé sem obras não é nada.

O nosso NIB: 004513424003543534043

Os nossos contactos: Conferência de Paço de Sousa, AIC Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa.

E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt — Telem.: 965464058 □

## PENSAMENTO

Pai Américo

A palavra *crise*, gasta e batida na boca do mundo, é um barbarismo na Obra da Rua, como era na antiga *Sopa*. A gente não tem medo de nada nem de ninguém; e se às vezes nos humilhamos e descemos até ao chão — de cócoras, nunca.

in *Pão dos Pobres*, 2.º Vol.

## MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

**70 ANOS DA CASA DO GAIATO DE PAÇO DE SOUSA** — Também queremos festejar o 70.º aniversário da sede da Obra da Rua — Paço de Sousa. De facto, a 20 de Abril de 1943, Pai Américo tomou posse do antigo Convento e da Cerca Beneditina. Os primeiros Rapazes, oriundos da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, chegaram a 31 de Maio e, depois, outros a 16 de Agosto. Damos graças a Deus!

**AGROPECUÁRIA** — Finalmente, com mais dias de Sol, nesta Primavera, foi possível lavrar e fresar certas terras para algumas culturas. Na *terra nova*, depois de preparados os terrenos e os tubérculos, plantou-

-se batata, a 19 de Abril. Como era sexta-feira, a malta deu uma ajuda de tarde. No resto dessa terra e no lameiro, a 22 de Abril, semeou-se milho. Nas terras e na vida, se não semearmos, não colhemos...

**VISITANTES** — Várias pessoas e alguns grupos de cristãos e de boa vontade nos enviam as suas renúncias e visitam para nos ajudar. A 10 de Março, a Catequese da Paróquia da Pelariga veio até nós com a sua amizade e partilha. A 12 de Abril, vieram visitar-nos alunos da EB 2,3 de Gouveia, com a sua oferta. A 14 de Abril tivemos a visita de adolescentes e pais da Catequese da Paróquia de Maças de D. Maria, que cantaram

na nossa Missa das 10.00h e deixaram vários géneros. A 20 de Abril, o Sr. Padre Orlandino, de Vermoil, o seminarista Fábio, de Leiria, com as crianças, adolescentes, pais e catequistas, passaram a tarde conosco e trouxeram a sua generosa partilha. A todos, o nosso muito obrigado!

**DESPORTO** — A 13 de Abril, Sábado à noite, a convite da Liga de Futebol, no âmbito da responsabilidade social, fomos assistir à vitória por 1-0 do S. C. Braga sobre o F. C. Porto, na final da Taça da Liga. Na quinta-feira anterior, tivemos a amável visita à nossa Casa da Direcção da Liga, com a oferta de bolas, que agradecemos. □

## VINDE VER!

Padre Quim

## Sementes de alegria

**QUALQUER** que seja o campo onde a acção humana se desenvolve como meta de realização da vontade do Pai do Céu — e da liberdade responsabilizada de quem ousa assumir um projecto nobre, socialmente como o é o da vocação para ser feliz depois de construir a felicidade dos outros — assegura nele o crescimento equilibrado de uma convivência socialmente pacífica e justa. Estas duas últimas qualidades essenciais, constituem o espaço privilegiado para a pessoa ser o que está chamada a ser, e a desenvolver-se, como é conveniente à medida certa. O exagero, neste sentido, é deseducativo e as carências, ao que é necessário, acabam por deformar e ressequir a boa semente do nosso campo. Onde as

trovoadas e as lagartas também atacam com frequência. É mais fácil prevenir e combater o mal que ataca as sementeiras do campo do que quando ele se apodera do campo humano.

Já era noite quando o guarda foi dar com um, que vinha do campo, com duas grandes melancias. Quería comê-las às escondidas, o que à luz do dia não era capaz de fazer. A sementeira foi abundante naquele campo e trouxe consigo a alegria, mas neste foi infeliz. O pecado roubou o bem que poderia fazer, se respeitasse o apelo da boa consciência. Não se pode ouvir a voz do Bom Pastor, que traz a alegria para as suas ovelhas, quando se tem os ouvidos surdos para Deus e auditivos aos apelos mundanos.

A Igreja é portadora de sementes novas que a alegria da colheita, feita pelo Ressuscitado, deixou nos celeiros abertos, para serem distribuídas por todos através da Evangelização dos povos de toda a Terra. Hoje, com tão grande urgência para evitar que a mundanização não ataque as sementeiras do campo da Igreja.

O *Pobre de Assis* um dia escutou o apelo do alto: — *Francisco, vai restaurar a minha Igreja*. Ao que é normal a um construtor de estruturas físicas, o Santo também o fez, e só então, algum tempo depois, veio a descobrir o significado daquele altíssimo convite: o da reconstrução do verdadeiro rosto da Igreja, Esposa de Cristo crucificado, nos pobres e marginalizados. Reconstruir a Igreja é reconstruir o homem das quedas que apanha nas calçadas

# Padre Américo, precursor do Vaticano II - A sua leitura dos «sinais dos tempos»

Continuação da página 1

4. Quando me foi pedida uma reflexão sobre o Padre Américo neste seu jubileu de 125 anos, não podia deixar de o colocar entre os “violentos de Deus”, como chamou João Paulo II (RH 11) àqueles que, em todos os tempos, assumiram, na sua pessoa, a missão de «revelar Cristo ao mundo, ajudar cada um para que se encontre a si mesmo n’Ele... Ajudando, assim, as gerações contemporâneas a conhecer as imperscrutáveis riquezas de Cristo, pois elas são para todos e cada um dos homens e constituem o bem de cada um deles». Isto o escreveu o Papa em 1979. (...)

5. Ao recordar os dados biográficos do Padre Américo podemos ver que, antes de estes Papas haverem dito ou escrito palavras tão luminosas, ele viveu estas realidades no confronto diário com a missão que descobriu como querer de Deus.

Nascido em Outubro de 1887, Deus o levou em Julho de 1956, antes, portanto, da eleição de João XXIII, em Outubro do mesmo ano e antes, logicamente do anúncio do Concílio Ecuménico, em 25 de Janeiro de 1957. Tudo isto nos leva a concluir como ele, fiel ao Espírito Santo que o conduziu, soube antecipar as grandes linhas do Concílio, sem que tenha, sequer, ouvido falar deste. Como se sentiu impedido, pelo amor a Deus e ao próximo, a criar e a dar alma e solidez à Obra da Rua, entre 1940, tinha então 53 anos — ano da criação da primeira Casa do Gaiato — e a sua morte com 69 anos incompletos, em plena corrida a favor dos mais pobres. (...)

6. A partir da sua ordenação sacerdotal, em Julho de 1929, tinha já 42 anos, iniciou a sua peregrinação, sempre pelas estradas abertas

e pedregulhos do mundo. O grande rei David, sentia-se atormentado por viver num grande palácio e Deus numa simples tenda. Onde se encontrava a Arca da Aliança. E tinha já decidido construir uma habitação para Deus, só mais tarde Salomão, seu filho, concretizou o sonho.

No centro da nossa vida familiar e pessoal está Deus. A Capela é o centro da Aldeia. A disposição física das estruturas fala por si mesmo. Nada é feito em vão. Estamos a reconstruir, terminar os trabalhos de reconstrução da antiga Capela da Casa. Os olhos de quem vê, acentuam a sua beleza. Ela vai ser outra vez o centro da nossa vida. Ela, onde a voz do Bom Pastor se faz ouvir com mais intensidade, quando todo o rebanho ali se reúne, especialmente ao Domingo. É curioso que este sinal, da reconstrução da Capela, esteja a despertar o desejo dos Rapazes formarem grupos de serviço, que a Santa Igreja muito estima: cantores, leitores e acólitos. Os mais novos são os mais abertos e atentos aos pormenores litúrgicos. Deles é o Reino de Deus, assegura Jesus aos pequeninos.

O Evangelho é semente de alegria. ☐

do amor efectivo: Sopa dos Pobres, em Coimbra, famílias em dificuldade, hospitais e cadeias, colónias de campo, lar dos ex-pupilos dos reformatórios. Foram dez anos de auscultação pela presença, conhecimento e experiência crescente dos problemas sociais mais prementes. A primeira Casa do Gaiato, aberta em Miranda do Corvo, não é obra de um acaso ou de uma emoção repentina. Muitos passos foram dados até lá chegar. Muitas misérias lhe passaram pelas mãos e pelo coração a clamarem amor e resposta. A muitos desabafos e dores deu ele atenção e lugar na sua vida.

Um coração como o de Cristo, capaz de amar a todos, de servir a todos e de sofrer por todos, mesmo para uma vida sensível e aberta aos outros, é obra paciente do Espírito. Foi o Espírito de Deus, qual oleiro divino, que o foi moldando, purificando, dando resistência e solidez, abrindo sempre mais horizontes, de modo a perceber que o amor não tem fronteiras, que a medida de perfeição do amor, é amar sem medida, como deixou dito S. João da Cruz. (...)

7. As pequenas introduções a cada capítulo do seu maravilhoso livro “Obra da Rua”, já com cinco edições, recordam os passos de uma via-sacra longa e viva:

“De como eu vi um tipógrafo doente na trapeira de uma casa, e outros noutros lugares”

“De como nasceu a ideia das Colónias de Campo do garoto da Baixa”

“Do que se fez e do que se disse nas citadas colónias”

“De como nasceu a ideia da Casa do Gaiato”

“De como se implora o socorro dos homens de ter”

“Quem somos, para onde vamos, o que queremos”

Sem comentário, que a palavra fala por si e pelo mistério que comporta, abre um capítulo, apenas com a palavra iluminadora:

“Calvário”

E, para que não haja nem dúvidas nem confusões sobre Quem é o sentido da Obra e de todas as Casas e iniciativas, Padre Américo se encarrega de o deixar escrito:

«Cristo Jesus é a Pedra Angular».

8. Onde estão, é tempo de nos perguntarmos, as intuições conciliares do Padre Américo, animadas pela leitura e pelo discernimento do “sinais dos tempos”?

Padre Américo foi peregrino que não se cansou de procurar o que Deus queria dele. É esta a missão da Igreja conciliar: uma Igreja que caminha e procura. Deus lho revelou, a seu tempo. Viveu as experiências dolorosas de um fora da sua casa. Fez a escola de Francisco de Assis e bebeu do seu espírito. Saboreou e aprendeu, na leitura da vida do Poverello, que Deus se esconde, por vezes, até por detrás das negas dos homens da Igreja e das incompreensões de quem chama loucos aos que, na sua vida, tomam, por convicção, seguir e viver o Evangelho a sério.

Porém, só esses podem propor o caminho para o seguimento de Cristo, pois que a sua vida é trilhar esse caminho. Uma verdade de que andava arredada muita gente da hierarquia clerical, fechada em palácios e só recebendo o ar da

rua, quando descia ao encontro de festividades e honras. Mas sempre resta alguém que é capaz de abrir a porta a quem procura, alguém que privilegia os critérios evangélicos, em detrimento de muitos critérios humanos, pobres e empobrecedores. Entre estes um Bispo cordial que o acolheu e acreditou na sua capacidade de ser um Padre à maneira de Jesus Cristo e dos Apóstolos. A porta do coração de Deus sempre se abre aos pobres que o são de espírito, e, por ela, se tem acesso, pelo caminho do Filho, a um coração que guarda todos os segredos, que um dia serão luz, ao arripio de profecias fáceis.

9. A riqueza espiritual do Padre Américo levou-o a ver as pessoas com os olhos de um Deus que é Pai e, assim, nos deixou a mensagem de que, se ninguém é já obra perfeita e já acabada, também «não há rapazes maus». Nem rapazes, nem pessoas adultas, no-lo mostrou ele, de mil maneiras, com o seu eloquente testemunho de vida. Ninguém excluído, todos com lugar na sua comunidade. Aquele grito de que «cada comunidade cuide dos seus pobres!», que é senão um grito de exigência de uma coerência consequente de um reino de irmãos que se constrói?

10. Em 1979, os Bispos da América Latina numa grande assembleia do CELAM, em Puebla, no México, presente o Papa João Paulo II, acordaram num famoso documento intitulado “Para uma opção preferencial pelos pobres”. Tratava-se de fechar uma polémica dura entre duas facções sobre a Teologia da Libertação, de modo a realçar a importância da justiça social. (...)

O Padre Américo antecipou-se ao Concílio, porque o modelo de Jesus Cristo, Servo e Pobre, estava já gravado no seu coração e a orientar a sua acção. A opção preferencial pelos pobres era, de há muito, a sua opção de vida.

Não resisto a trazer aqui uma página cheia de realismo e sofrimento:

«São casarões tenebrosos, cheios de tocas sombrias, onde a miséria se aninha. A escada por onde se trepa nunca foi varrida, que ninguém se julga nessa obrigação, e a locatária também não. Ela aluga chão, estreme e paredes nuas, cobra por dia, adiantadamente, à cautela; e oferece os seus serviços na taberna que dirige pessoalmente nos fundos do labirinto — tudo comodidades para os seus inquilinos. Sucede, às vezes, dentro do mesmo quarto, encontrarem-se grupos diferentes, cada um com o seu tributo — ‘a gente pagamos quinze tostões!’ — Não são família mas parece que sim; são bandos de seres humanos que fogem das suas terras por via da fome e só encontram miséria. É da gente arripiar! De dentro de um dos meandros sai uma mulher desgrenhada, com duas crianças atrás de um pequenino de lábios colados ao peito a chorar de fome — fontes secas! E logo a seguir sai um homem e mais outro homem e de outra toca outra gente — cartas do mesmo baralho». (...)

A opção pelos pobres, assumida pelo Padre Américo, não é poesia, nem mero sentimento. É grito que não se cala mais. São dele estas palavras que nos interpelam a nós, padres, e nos levam a um confronto,

ontem e hoje: «O padre é um excomungado nas zonas da miséria. Não se acredita nele nem nos seus bons ofícios. ‘O quê, padres aqui a estas horas! Cheira a morte’», disse-lhe um homem. «E em cima, nas trapeiras do quinto andar» disse-lhe outro: «‘O senhor enganou-se na porta. Eu sou pobre.’ Dá pena. Perdeu-se a verdadeira noção do sacerdócio cristão e o lugar que melhor calha a todos os sacerdotes de Cristo — a casa e a sorte dos desgraçados». Dir-se-á que hoje é diferente. Quem dera que o fosse! Os pobres do alto da Conchada, onde se alojam em tocas cem famílias da cidade, não são hoje os mesmos. Mas os pobres, de ontem e de hoje, pobres de todas formas de pobreza e até os pobres envergonhados, abundam nas nossas cidades... Quem opta por eles, e por eles organiza e dá a sua vida, e consigo, a vida das comunidades cristãs que anima e a que preside?

11. O Padre Américo sempre entendeu que evangelizar é promover (...) A sua Obra, que ele quis

se chamasse da Rua, foi uma especialização diária na capacidade de transformar crianças abandonadas, quais farrapos desprezados, em adultos socialmente comprometidos, de dar sentido à vida dos portadores de maiores deficiências, de proporcionar casa digna a quem nunca a teve... Casas do Gaiato, Calvário, Património dos Pobres, a sua Obra, vivida e sofrida com paixão e zelo inexcedível.

A mesma intuição o levou a procurar, entre os gaiatos que beneficiaram da ajuda de outros mais velhos, que também eles fossem obreiros do mesmo projeto, a favor dos mais pequenos que iam chegando. Não veio o Concílio a dizer que todos somos chamados a ser ajudadores dos irmãos, para que se multiplique o número dos que ajudam? Não é este modo de ser equipa dos rapazes, com os rapazes, para os rapazes — o meio eficaz de fazer comunidade, aí mesmo onde a vida decorre? (...)

† António Marcelino

Continua no próximo número

## SETÚBAL

Padre Acílio

POR iniciativa de um amigo, trabalhador da “Nónio Hiross”, uma empresa radicada em Carnaxide, foi programada uma limpeza de resíduos sólidos no Parque Natural da Arrábida, por elementos desta empresa e os rapazes da Casa do Gaiato de Setúbal.

Os motivos desta acção, tornaram-se logo evidentes: limpar esta Pérola setubalense e estabelecer convívio com a Casa do Gaiato.

Posta a questão por mim, após o jantar, na comunidade reunida, levantaram-se livremente os rapazes que desejaram aderir e outros que não podiam, por terem tarefas a desempenhar em casa, na cozinha, na vacaria e outras obrigações rotineiras daquele domingo, ou ainda, por serem pequenos para aqueles trabalhos.

Os livres e voluntários foram dezasseis. Dava oito para cada grupo, pois a Direcção do Parque Natural indicou como prioridade o acesso à Lapa de Santa Catarina, mesmo em frente do nosso lar de férias e a Praia do Portinho.

O trabalho em conjunto, é um óptimo processo de convívio entre as pessoas, onde estas captam fácil e espontaneamente os valores umas das outras.

Conhecer a Casa do Gaiato é sobretudo averiguar os seus rapazes. Associar-se aos gaiatos e tomá-los como seus parceiros, numa actividade como esta, é também dar-se a eles em fraterna igualdade.

Os obreiros da “Nónio Hiross” são pessoas de elevado nível técnico e cultural, com visão rápida das pessoas, e assim, os gaiatos, pelo comportamento e empenho demonstrados, tornaram-se uma agradável e muito louvada surpresa.

Veio gente de Lisboa e do Porto, não tanto para acarinhar a serra e ver os seus encantos, mas sobretudo para desfrutar desta convivência com os gaiatos.

Propus então, que, em vez de irem almoçar para qualquer restaurante, viessem comer com os rapazes a refeição confeccionada e servida por eles na nossa magnífica sala de jantar e assim contactariam mais de perto e profundidade toda a Casa do Gaiato, saboreando a beleza e a verdade da nossa vida!

Há cerca de vinte anos, que esta Empresa se lembra de nós, pelo Natal, com um donativo significativo. Conheceu a nossa acção através de um senhor que, vindo aqui almoçar convidado pelo Lion’s Clube de Setúbal, se impressionou tanto com a ordem, o asseio e o sabor da refeição que nos passou a dar toda a farinha para o pão consumido naquela altura.

Foi ele que falou ao Presidente desta sociedade e fê-lo com tal convicção que o tornou nosso benfeitor.

A revelação foi-me feita pelo próprio Director da “Nónio Hiross”, à mesa com os rapazes.

Soube então que a sua presença neste almoço era uma surpresa para os seus colaboradores, pois se fosse anunciada, muitos outros teriam vindo.

Uma maneira fina de fazer triagem. Assim, ninguém veio para ser agradável ao Director ou faltou com medo de ser antipático.

Uma acção destas, com tão nobre objectivo, tinha de resultar em felicidade para todos!

Encheram cerca de duas dezenas de caixotões de lixo e juntaram-nos para serem transportados pelos serviços camarários.

A Lapa de Santa Catarina, lugar de tanta elevação ao longo dos séculos, transforma-se de tempos a tempos não só em lugar de mero turismo e contemplação, mas agora, parecia um antro de vagabundos, com colchões podres, seringas repelentes espalhadas a esmo, excrementos humanos, etc.

Tudo ficou limpinho e os corações felizes. Vivam os nossos amigos! ☐

## BENGUELA

Padre Manuel António

## A fonte da vida é o amor

**E**STOU a escrever-vos, com o mapa de Angola, diante dos meus olhos. É impressionante a sua grandeza, com a multidão dos seus filhos a encher o nosso coração. Falamos desta maneira, porque nos chegam pedidos, com muita frequência, para acolhermos filhos abandonados, dos cantos mais longínquos. Esta situação faz-me reviver os momentos em que uma alta autoridade me pedia para levar a Casa do Gaiato para outras partes do interior de Angola. A resposta foi pronta: Faltam as vocações para a realização deste projecto. Só o amor, até ao dom da própria vida, faz a salvação destes filhos abandonados. Não bastam a boa vontade e a técnica. São peças, sem dúvida, de muito valor. Falta-lhes, porém, a alma. A fonte da vida, a alma, é o amor. É a caridade.

Nenhuma contrariedade nos afaste da alegria festiva de ajudarmos, tanto quanto pudermos, a salvar estes filhos. Se alguém deseja, com verdade, atingir este objectivo, não há obstáculo no caminho que o demova do seu intento. Nenhuma prosperidade sedutora crie ilusão. A experiência vivida por tantos corações generosos, na partilha do que são e têm, leva-os, por certo, a continuar a viagem da sua vida, até ao fim, na contemplação da beleza do amor. Deste modo, estão a caminhar, de verdade. E

ajudam-nos a andar para a frente. Há dias, estava num cantinho da nossa Casa, a cumprir uma tarefa. Alguém entrou, com um recado nas mãos, embrulhado num papel. Abri e encontrei um donativo, com a assinatura de “anónimo”. A pessoa foi-se e não consegui identificá-la. Não importa a quantia do donativo. O gesto foi muito nobre e deu confiança ao meu coração. De seguida, vem uma família pedir ajuda para pagar a renda de casa, pois tinha sido posta na rua, por falta de dinheiro. Onde fui buscá-lo? Ao donativo que tinha recebido, pouco tempo antes. O nosso fundo financeiro não obedece à técnica de pôr e sobrepor dinheiro. O caminho de sempre foi este: pôr e tirar para distribuir, desde o tempo de Pai Américo. Com estas migalhas, que fazem a nossa riqueza, damos a mão aos que vivem prostrados na vida.

Hoje, de manhã, tivemos a nossa reunião dos chefes da comunidade. Como sempre, é um momento muito importante da nossa vida. A vida familiar caminha tanto melhor quanto mais acompanhada for pelos filhos mais responsáveis. É o lugar dos chefes: os filhos a quem foi confiada a missão de acompanhar os seus irmãos, no alto serviço da educação. Foi interessante, pois o dia da reunião coincidiu com o dia do Bom Pastor. A palavra inspiradora

para a animação do encontro foi, precisamente, a do Bom Pastor. Traduz, admiravelmente, a missão do chefe, como, também, a de todo o educador. O pastor bom é aquele que acompanha, sente-se responsável pelas suas ovelhas; sacrifica-se por elas. É capaz de esquecer os seus interesses pessoais por amor dos seus irmãos. Quem dera nos deixemos todos interpelar pela mensagem do Bom Pastor! Quem dera não sejamos como o mercenário que abdica da sua responsabilidade no cuidado e defesa das suas ovelhas, perante o ataque do inimigo que se chama lobo, mas tem muitos nomes. É uma linguagem figurada que deve levar-nos a mergulhar na realidade da nossa vida. Que bela oportunidade para um sincero exame de consciência! Como tenho reagido perante a investida do egoísmo, da indiferença, do amor próprio, que tentam levar a morte ao amor verdadeiro que é a razão de ser das nossas vidas?

Surgiu mais um momento feliz para a resolução do problema grave da falta de emprego para os rapazes mais velhos. Uma grande empresa, relativamente nova, ao ter conhecimento da situação aflitiva em que nos encontramos, tomou a iniciativa de abrir as suas portas à nossa Casa do Gaiato. Vamos aproveitar esta oportunidade maravilhosa. Que os rapazes correspondam com o cumprimento do seu dever a este gesto de autêntica promoção humana. Assim esperamos. Em íntima união convosco, recebi um beijinho dos mais pequeninos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. □

## PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

## Um pouco de tempo

**U**MA notícia da alvorada, em corrida e mexida, de uma segunda-feira primaveril, sobressaltou e empalideceu o ambiente: — *Uma ovelha doente morreu...* No entanto, o dia revelou-se cheio de luz e transparente, na esperança, com as jeiras das sementeiras de milho e batata, cuja beleza dos torrões negros é um tónico anti-crise. No manto floral das encostas e do vale, de perfumes intensos, o chilrear ao desafio da passarada vai-se transformando ao longo do dia numa sinfonia de alegria!

Em qualquer rebanho e que se procura guiar e zelar, todas as ovelhas são importantes e, se acontece uma baixa numa cabeça, é muito sentida. As enfermidades inesperadas são traiçoeiras, como os lobos, e às vezes vencem os cuidados profiláticos. No dito redil, tinha sido removida a cama saturada para estrumar as terras fundas de sementeira; a palha é de qualidade, atestada por quem a vem mercar, e os prados de bandeja são mantos de erva tenra e fresca, viçosos pela abundância das chuvas.

Muitíssimo mais do que naqueles pequenos ruminantes, quando se toma verdadeira consciência de que cada pessoa humana é uma vida única e irrepitível, portadora de um mundo interior maravilhoso que nos estimula a percorrer o caminho do Pastor eterno, então todos os momentos são privilegiados e a não desperdiçar. Assim, não se pode perder a profundidade e a urgência da realidade em que vivemos, para ajudarmos os outros a crescer e a desviarem-se dos sinais destrutivos, de morte.

Para isso, é de prestar atenção ao que se está a fazer e a ser, de verdade; pois, é um puro engano a medida do ter. Neste prisma, a dedicação aos outros é da substância do mandamento do Mestre. Não será que os mais simples vêem mais claramente estas coisas?

Na vida quotidiana, nomeadamente dos pais, educadores e pastores, uma das tarefas mais importantes é a de ter e dar tempo aos filhos e às pessoas que se encontram e os procuram: — *Tem um pouco de tempo para mim?*... São aqueles dois minutos, às vezes à queima-roupa, em momentos imprevisíveis, que se esticam e podem ser decisivos para uma decisão.

Os lugares das ovelhas feridas, que pedem auxílio, são sítios onde O podemos descortinar para que não pereçam e ninguém as arrebathe da Sua mão. Em dias invernosos e sombrios, conhecemos uma parentela, em que insistiram por proximidade e ajuda para um petiz enfermo e desnutrido. Houve que encontrar tempo para eles, nalgumas ocasiões e com bens essenciais. Mais do que as palavras, foi a ausência delas que nos falou ao coração. Como Deus não faz acepção de pessoas, desfizemos a timidez do pai que surgiu mais tarde, afinal, dizendo: — *Sabe, sou muçulmano...*

Se há ovelhas que escutam a voz do Pastor, quantas delas, anónimas, frágeis, desviadas e de outros redis, à espera de serem ouvidas e reunidas. O que se espera muito de quem percorre carreiros e margens, é a presença pessoal. Pode parecer que não há nada para dar, mas dispõe-se sempre de um bem precioso que é o nosso tempo e a atenção aos outros. Aquele rosto entristecido, qual cordeiro enfezadito, já comunica e sorri quando se olha para ele e bebe uma malgada de leite, que leva pelas suas mãos à boquilha, como um manjar suculento.

Quando há vozaria e ruídos que poluem os ambientes, nem sempre é fácil discernir *as palavras de vida eterna*, como disse Pedro ao Senhor. Jesus fala também pelas ovelhas mais débeis. Haja tempo para O escutar e seguir. □

— *Tenho a minha mulher muito doente e um filho anormal.*»

O Padre João, que agora está comigo, levou o homem, com um avio e foi ver. Veio de lá aterrado.

Passados dias, acompanhou-me como guia e conforto.

A morada é uma baixíssima barraca coberta de placas de lusalite esburacadas, chão térreo, forrado de velhas alcatifas.

A senhora soergueu-se da cama aos ais «*Ai que estou tão mal!*»

O sol batia de chapa na cobertura e o calor era insuportável. Não sei se os pobres conhecem o perigo da lusalite que, por ter amianto, é cancerígena. Não sei. Não lhes disse, mas os ais daquela pobre feriram-me acutiladamente a alma. Agora, sou também responsável por aquele sofrimento e quero libertar-me desse pecado.

Vou comprar chapas de sanduíche para substituir o insalubre e miserável lusalite.

Ao ver-me ali, outro velhote se aproximou de nós. «*Venha ver onde eu vivo com a minha mulher cega.*»

Estas situações esgotam-nos — a dor também desgasta e já me sentia incapaz de atender à súplica insistente do pobre homem «*Venha senhor prior! Venha!*»

Sim. Não era de ver. Eu não estava capaz, mas a evidência era clara:

Duas mulheres cegas, sentadas no chão, sob uma tenda de pano. Alguns cobertores enrolados a um canto e três passadeiras velhas, diferentes, deixavam ver, entre si, as largas faixas do saibro. Era toda a sua mobília.

Estarei em África? Naquele instante pareceu-me ser transportado para outro mundo. Mas não. Estava em Setúbal, quase no centro da cidade e bem acordado.

Como se chegou aqui? Não é comigo. Comigo é o que vejo e te comunico. □

## PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

**A** advertência chegou-me em carta escrita à mão, de uma assinante, com letra bem conhecida:

«*Acho que vou ter de deixar de ler o famoso (!) e especialmente a coluna “Património dos Pobres”, porque as dores na alma que tal leitura provoca são mesmo difíceis de suportar. E o pior é que não há remédio à vista. Numa tentativa de um pequeno remedeio aos problemas, vai o cheque no valor de 1500 euros.*

*E os meus sinceros desejos de que Cristo Ressuscitado console e anime todos os que sofrem bem como os que os ajudam a minorar esse sofrimento.*»

Esta advertência é uma manifestação comunal comigo, com os sofredores que carrego e toda a tragédia que se abate sobre os pobres.

Sim. O Senhor Ressuscitado e Vivo em nossos corações, poderá consolar e fortalecer todos os que sofrem. É preciso que seja vida abundante, em muitos homens do nosso tempo.

Eu bem gostaria de escrever sobre assuntos de Ciência, de Teologia, de História, de Arte ou até de Política. Mas, a minha vida é isto. O Senhor chamou-me aos pobres e só deles sei escrever.

Com dor? — São eles que ma

provocam, mas esta, em vez de me repelir, atrai-me. É o fascínio por tentar o seu alívio naqueles que padecem.

Tendo ido à Academia Militar, na Amadora, aproveitei a viagem para me inteirar melhor sobre a situação de um menino e visitar aquela senhora que dormia na estação de comboio com a sua filha e a quem tenho pago o quarto.

Senti que os meus joelhos têm dificuldade em subir e descer os íngremes caminhos, como a vencer os irregulares degraus. Corri quase todo o *Casal de Santa Filomena*. É realmente um espectáculo aterrador: — homens e mulheres, novos, sentados em magotes ou de pé, entretinham-se em conversas, em namoros e em risota. Era meia tarde. Ali poucos trabalham.

Há esgotos enterrados, água e luz correntes, mas as pequenas casas abarracadas, em desalinhamento, cobertas de chapa de zinco e lusalite tornam o ambiente repugnante.

Meu Deus! O que será viver ali?!

O negro domina o rosto das pessoas, mas também se enxerga um ou outro branco.

Depois de muitas voltas, subidas e descidas, uma mulher dos seus 30 a 40 anos, prontificou-se a acompanhar-nos até à casa

da Segunda — assim se chama a nossa protegida — e, pediu-nos que a ajudássemos a adquirir nacionalidade portuguesa, pois tendo nascido cá, era filha de pais cabo-verdianos e, ainda, não conseguira nacionalizar-se. Mandei-a ir à sede da Paróquia. A gente conta sempre que por ali more a compaixão, mas, em todo o bairro nada me cheirou à presença da Igreja.

Numa destas manhãs vêm dizer-me: «*Tá ali um homem sentado desde manhãzinha*». Aproximei-me. É meu dever acercar-me dos pobres, e perguntei-lhe o que me queria.

O tempo estava frio e o meu interlocutor agasalhava-se com um velho sobretudo preto, muito surrado e sem botões na frente, deixando ver por baixo uma imunda gabardine cinzenta que lhe cobria a pele.

O pobre levantou-se e os seus olhos claros, cheios de confiança e ternura, cruzaram os meus, enquanto mostrava uns papéis com o carimbo da mercearia onde se aviara. «*Olhe quanto devo!... O merceeiro não fia mais e não temos que comer*». Eram perto de 800 euros de dívida.

Paguei-lhe metade com o cheque endereçado à mercearia.